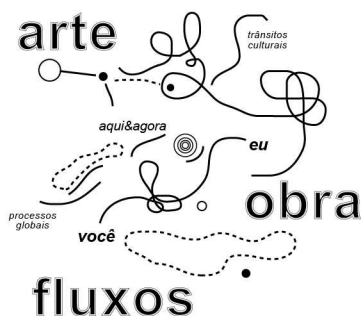




O RETRATO LUSO-BRASILEIRO: A REPRESENTAÇÃO DO PODER ULTRAMARINO

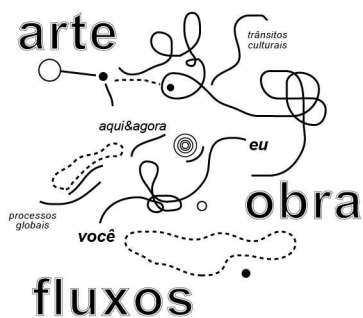
Breno Marques Ribeiro de Faria

UNICAMP (MESTRANDO)

Não sendo comum a produção de efígies dos habitantes da colônia americana de Portugal, sua maioria, é composta pelas dos monarcas portugueses e seus respectivos familiares, bem como, dos homens que ocupavam as posições mais elevadas na burocracia do território além-mar. A necessidade de se fazer presente simbolicamente, como modo de exercício do poder, leva à produção de imagens que são simultaneamente representação e efetivação da posição de cada indivíduo inserido nessa sociedade altamente hierarquizada.

Propõe-se interpelar a origem, procedência e fim do acervo brasileiro de retratos setecentistas a partir dos que se encontram atualmente em Minas Gerais (Museu da Inconfidência, Museu Mineiro, Museu do Ouro e Câmara Municipal de Mariana) e no Rio de Janeiro (Museu Histórico Nacional, Biblioteca Nacional e Câmara Municipal do Rio de Janeiro). A pesquisa se baseia na busca de (re)constituir a rede de imagens que possibilitou a execução dos retratos em questão.

O começo dessa teia está em Portugal, no retrato originário, executado dentro dos parâmetros de retratos de corte ou retratos de Estado coevos, que figuravam nos palácios europeus para cumprir uma função específica nesse contexto. Este retrato feito a partir da observação do pintor da personagem representado dá início a um processo de sucessivas reproduções. O momento seguinte é o de



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

transposição dessa imagem para a América Portuguesa que possui duas dimensões distintas: a física e a simbólica. A primeira pode ser de uma cópia, que será novamente reproduzida ao completar a travessia do oceano Atlântico para que seu intento seja multiplicado, ou uma gravura, que possivelmente feita a partir de uma pintura, pode gerar nesse novo ambiente um retrato. A segunda dimensão se dá na reintegração do laço que une o soberano a seus vassalos, e que se estende a seus funcionários, na reafirmação da submissão dos colonos ao poder emanado da metrópole. Ao ocupar lugar de destaque dentro dos edifícios da administração colonial, esses retratos produzem junto com outros elementos emblemáticos um discurso coerente que legitima o poder ali exercido.

Retratística, pintura luso-brasileira, iconografia do poder